



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA UFPB VIRTUAL
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA EM
LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA

MARIA LUCELIA MARQUES DE OLIVEIRA

A INFLUÊNCIA DO GÓTICO NO CONTO “O MONTE DAS ALMAS” DE GUSTAVO
ADOLFO BÉCQUER

MAMANGUAPE-PB

2018

MARIA LUCELIA MARQUES DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DO GÓTICO NO CONTO “O MONTE DAS ALMAS” DE GUSTAVO
ADOLFO BÉCQUER**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Espanhol como parte da exigência da disciplina de TCC, sob a orientação da Prof.^a Luciane Alves Santos.

MAMANGUAPE-PB

2018

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

O48i Oliveira, Maria Lucelia Marques de.

A Influência do Gótico no Conto o Monte das Almas de Gustavo Adolfo Bécquer / Maria Lucelia Marques de Oliveira. - Mamanguape, 2018.

034 f.

Orientação: Luciane Alves Santos.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Literatura. 2. Gótico. 3. Gustavo Adolfo Bécquer- O monte das almas. I. Alves Santos, Luciane. II. Título.

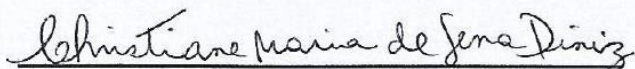
**A INFLUÊNCIA DO GÓTICO NO CONTO “O MONTE DAS ALMAS” DE GUSTAVO
ADOLFO BÉCQUER**

MARIA LUCELIA MARQUES DE OLIVEIRA

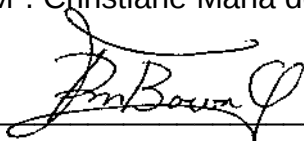
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
em Espanhol como parte da exigência da disciplina
de TCC, sob a orientação da Prof.^a Luciane Alves
Santos.



Profa. Dra. Luciane Alves Santos



Profa. M^a. Christiane Maria de Sena Diniz



Profa. M^a. Ruth Marcela Bown Cuello

Data da Defesa: 29/11/2018

Nota da Defesa: _____

MAMANGUAPE-PB

2018

Consagre ao Senhor tudo o que você faz e os seus planos serão bem sucedidos. Provérbios 16:3.

Dedico a Deus por todo o momento percorrido, pela coragem de jamais desistir que o senhor me proporcionou, sempre me dando forças para que pudesse seguir em frente e realizar os meus sonhos. A todos da minha família por estarem ao meu lado sempre me encorajando, sendo meu alicerce. Aos meus amigos pelas motivações impulsionadoras a minha gratidão.

Até aqui o SENHOR tem sempre me ajudado!

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por esta etapa cumprida, na certeza de que a Sua presença foi constante em minha vida, ajudando-me a vencer cada obstáculo.

A meu Esposo **Edson**, que esteve presente na minha vida dando amor, alegria, me dava lição de vida para que eu não desanimasse diante das dificuldades.

A meu Filho **Pedro Manoel**, tudo que faço é por ele e pra ele, é o amor mais puro que existe.

A meu irmão **Lucas** que foi a pessoa que mais me incentivou a voltar a estudar e quem fez minha matrícula, a ele só desejo que Deus continue lhe abençoando e guardando por sua vida, te amo muito meu irmão.

Aos meus pais **Paulo e Lourdes**, que me deram a vida e me ensinaram a viver com dignidade, humildade e amor.

Aos/As **professores/as** do Curso de Letras, em especial à professora-orientadora **Luciane Santos** por me ajudarem a cumprir com este intento.

Enfim, a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para a execução deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho, intitulado **A Influência do Gótico no Conto “O Monte Das Almas” de Gustavo Adolfo Bécquer**, visa analisar alguns aspectos característicos da literatura gótica que influenciaram a produção literária do escritor espanhol Gustavo Adolfo Bécquer. Inicialmente realizamos uma abordagem da origem etimológica do termo gótico, passando pela transição de significados na Idade Média e no Romantismo; no segundo momento, apresentamos as características da literatura que se desenvolveram sob o domínio do gótico. Por fim, resgatamos, brevemente, a vida e obra de Bécquer para, em seguida, analisar os elementos góticos que atuam e dão significado ao conto “O Monte das Almas”. Desta forma, este estudo pretende ser uma fonte de inspiração para todos os que queiram se enveredar pelo fantástico mundo da literatura e da arte. Como fundamentação teórica, utilizamos os textos de Zavala (2003), Victorino (2018) e Rossi (2008).

Palavras-chave: Literatura. Gótico. Gustavo Adolfo Bécquer- “O monte das almas”.

RESUMEN

El presente trabajo titulado, **La influencia del gótico en el cuento "El Monte de las ánimas" de Gustavo Adolfo Bécquer**", tiene como objetivo analizar algunos aspectos característicos de la literatura gótica que influyeron en la producción literaria del escritor español Gustavo Adolfo Bécquer. Inicialmente realizamos un abordaje del origen etimológico del termo gótico pasando por la transición de significados en la edad Media y en el Romanticismo. En el segundo momento presentamos las características de la literatura que se desarrolló en el dominio del gótico. Al final, hicimos un resumen con la finalidad de rescatar la vida y obra de Bécquer y analizamos los elementos góticos que actúan y dan significado al cuento "El monte de las Almas". Sin embargo, este estudio pretende ser una fuente de inspiración para todos los que quieran caminar a través del fantástico mundo de la literatura y del arte. Como fundamentación teórica, utilizamos los textos de Zavala (2003), Victorino (2018) y Rossi (2008).

Palabras-clave: Literatura. Gótico. Gustavo Adolfo Bécquer- "El monte de las almas".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A PRESENÇA DO GÓTICO NA LITERATURA.....	12
1.1 A origem do termo gótico.....	12
1.2 O movimento literário gótico e as principais características	13
CAPÍTULO II- GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER: VIDA E OBRA	16
2.1 Gustavo Bécquer: apresentação.....	16
2.2 As influências na obra de Bécquer	17
CAPÍTULO III – “O MONTE DAS ALMAS”, UMA HISTÓRIA COM ELEMENTOS GÓTICOS	21
3.1 Apresentação do conto	21
3.2 Traços da literatura gótica.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
ANEXO	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende contribuir para a releitura e análise da obra do escritor espanhol, do século XIX, Gustavo Adolfo Bécquer. Também destacaremos pontos de intersecção entre o autor e o movimento gótico, além de sua influência na literatura espanhola.

Considerando que a literatura surge em decorrência de uma necessidade de resposta da sociedade e/ou à sociedade, nos sentimos motivados a investigar como as temáticas do estilo gótico são utilizadas nas obras do período literário do Romantismo, identificando as suas formas de expressão e de manifestação e a sua relação com o mundo interno e externo, ou seja, a vida e a arte (representação da realidade). Para empreender nossa análise, selecionamos um conto de grande interesse literário: “O Monte das Almas”, de Gustavo Adolfo Bécquer, no qual o autor faz uso de elementos góticos.

Nesse conto, o gótico está presente nos elementos principais, como as paisagens típicas da era medieval, tais como palácios, templos, florestas, destroços. Além disso, apresenta personagens melodramáticos: donzelas, cavaleiros, seres vis; e uma simbologia repetitiva: mistérios que surgem de tempos passados, manuscritos ocultos, previsões do futuro, imprecisões.

Analisaremos também de que forma a obra de Bécquer desenvolve outros temas característicos da literatura gótica, como: medo, loucura, ruína, que tornam a leitura tão peculiar. A motivação diante da investigação do tema gótico e sua utilização nas obras do período literário do Romantismo, se deu devido à necessidade de estimular análises a respeito do movimento gótico, em sua essência, ainda que em meio a transformações histórico-sociais.

Para atingir a compreensão e alcance dos estudos, situaremos entre as abordagens teóricas as contribuições de Lovecraft (2008), Fonseca (2009), Rossi (2008), Zavala (2003) e Victorino (2018) buscando compreender como surgiu o movimento Romântico e suas principais características.

O primeiro capítulo é intitulado *A presença do Gótico na Literatura*, momento em que realizamos o resgate histórico a respeito da origem e principais características da Literatura Gótica, ressaltando as transformações do estilo literário ao longo do tempo.

No segundo capítulo, designado como *Gustavo Adolfo Bécquer: vida e obra*, traz à tona a vida e obra do autor espanhol, ressaltando alguns dados referentes ao meio de produção, contexto histórico e cultural no qual o autor estava inserido.

O terceiro Capítulo, intitulado “*O Monte das Almas*”, *uma história com elementos góticos*, centra-se na análise da obra em questão, partindo dos fatores como lugar e o tempo de produção dessa obra, em muitos casos determinantes quanto a pluralidade estética e temática.

Por fim, tecemos algumas considerações acerca da realização desse trabalho de cunho bibliográfico, esperamos que ele fomente a compreensão sobre a presença do estilo gótico na Literatura, bem como das características e funções que a temática desempenha nas obras, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do assunto, gênero literário importante e rico em criatividade.

CAPÍTULO I – A PRESENÇA DO GÓTICO NA LITERATURA

1.1 A origem do termo gótico

A origem da palavra gótica vem do vocábulo *Gotar*, refere-se aos povos politeístas que se chamavam Godos. Historicamente esse povo ficou conhecido como Bárbaros, pois algumas dessas tribos lutaram de maneira violenta a fim de conquistar territórios entre os séculos III e IV d.C. Devido a esse espírito conquistador e destemido, conseguiram a façanha de invadir e tomar o famoso território do Império Romano.

Por um longo período, os Godos predominaram naquele território, deixando suas características enraizadas na cultura romana, como por exemplo na arquitetura e em alguns idiomas. O aspecto cultural do povo Godo marcou profundamente a Europa, deixando um legado cultural muito vasto. No entanto, o legado Godo ia na contramão das características culturais romanas, o que fez com que por muitos séculos a cultura *Gotar* fosse entendida como algo negativo como aponta Ferreira (2006):

A lenta queda do Império Romano engendra profundas transformações. O modo de vida germânico se mescla ao dos derrotados, mas suas culturas são tão diferentes que a herança greco-romana é prontamente descartada, permanecendo praticamente esquecida por mais de três séculos. Superstições passam a influenciar as leis e as relações sociais refletem os diversos tipos de pactos dos germânicos (FERREIRA, 2006).

Por volta da segunda metade do século XVIII, a literatura inglesa começa a apontar traços do estilo gótico. Cabe ainda salientar que a sociedade daquele período vivenciava uma intensa transformação, acarretada pela ampliação dos ideais iluministas. Nesse panorama, o estilo gótico surge como elemento de oposição ao século das luzes, tendo em vista que a principal característica da literatura gótica girava em torno da busca pela obscuridade do ser humano, já o Iluminismo baseava-se na constante necessidade do esclarecimento das ideias por meio da Ciência. Quanto a essa divergência de ideais, podemos considerar que:

Reação aos mitos iluministas, às narrativas de progresso e de mudança revolucionária por meio da razão, o gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente sociedade burguesa (VASCONCELOS, 2002, p.122).

Segundo Vasconcelos, o estilo gótico surge em oposição ao Realismo Iluminista, pois se mantém voltado para o lado da subjetividade humana inserida em um contexto sócio- histórico em que era priorizada a razão. Cabia ao Iluminismo mostrar a sociedade que o mundo estava além das crenças ou do ceticismo, pois o principal objetivo do período identificado como Século das Luzes era fazer com que a população deixasse de lado o Teocentrismo, onde Deus era o centro e passasse para o Antropocentrismo, considerando o homem como o centro do Universo. A partir de Kidson (1966), trazemos os seguintes dizeres:

Durante o período gótico, entretanto, a Igreja desfrutou, pela primeira e última vez em sua história, de um poder temporal quase adequado à idéia que ela própria fazia de si. As responsabilidades do poder determinaram drásticas reavaliações em muitos campos onde até então prevalecia certo cansaço. [...] Havia aspectos da vida e do pensamento antigos que estavam incontestavelmente errados, se o que a Igreja ensinava estava certo. Portanto, era preciso traçar limites em algum ponto (KIDSON, 1966, p. 98).

Em linhas gerais, o movimento gótico está incluso na técnica pré-romântica de renascimento na arquitetura. De modo geral, os personagens literários são divididos em dois lados: de um lado estão os seres humanos vítimas e, do outro lado, as criaturas sobrenaturais mortíferas como: espectros, monstros, homens-feras, bruxos, zumbis e endemoninhados.

1.2 O movimento literário gótico e as principais características

Os primeiros registros de um romance com elementos do estilo gótico remontam ao ano de 1764, tendo como título *O Castelo de Otranto* (*Otranto Castle*), de Horace Walpole (1717-1797), romancista inglês. A obra em questão apresentou elementos estéticos característicos da literatura gótica, vale ressaltar que, antes do ano de publicação da obra mencionada, o termo gótico já estava sendo utilizado na Inglaterra, posto que algumas obras já traziam características góticas, como é o caso do primeiro texto escrito da Literatura Inglesa intitulado de *Beowulf*, produzido no século VIII. Sobre a presença do estilo gótico nos romances, temos que:

é uma espécie de patriarca, forma inaugural do que hoje conhecemos genericamente como história sobrenatural ou de terror. É certo que o gótico, como muitos outros gêneros, conheceu os primeiros cultivadores, logo em seguida, um momento de apogeu, para finalmente transformar-se ou se desdobrar em outras formas literárias, que, no entanto, guardam, mesmo

após tantos anos, traços do velho estilo. E o iniciador dessa linhagem é o romance de Horace Walpole, O Castelo de Otranto (VIDAL, 1996, p. 07).

Compreende-se por literatura gótica aquele texto que apresenta elementos, como: medo, terror, estranheza, geralmente compõe o cenário dessas obras lugares sombrios e ermos, como castelos, florestas, cemitérios, entre outros. Além disso, as histórias contam com uma atmosfera de mistério, escuridão e segredos. Para Rossi,

o gótico são as histórias que nos causam medo, ou são as histórias de terror e de horror, ou ainda são as histórias que se passam em lugares sombrios e aterrorizantes, normalmente castelos medievais abandonados e cemitérios malassombrados (ROSSI, 2008, p. 55).

Diante do exposto, evidencia-se que as características principais das obras literárias góticas, estão baseadas no horror, no terror e na estranheza. A presença desses elementos geralmente surge nas obras, facilitando a identificação da obra com relação ao estilo literário gótico.

Mas a literatura gótica não se prende apenas a esses três elementos, outros temas também têm destaque, como: a loucura, a depravação dos costumes sexuais e a deformação do corpo humano. As questões sobrenaturais também estão presentes, pois, nesse estilo literário, podem surgir personagens como: fantasmas, demônios, espectros, monstros; além da exaltação do poder, seja sobre outras civilizações, a figura feminina e a sexualidade, sem deixar de lado temas como política e aspectos religiosos.

É sabido que a cultura romântica ascende em meio a profundas transformações políticas e intelectuais, em meio a isso, os românticos fizeram uma releitura da estética medieval e estimularam a criação literária de prosa de ficção, que apresentava narrativas absorvidas por um campo de mistério, pavor, rodeadas por eventos sinistros e sobrenaturais ocorridos em castelos e casas antigas. Para Algrave (2018), foi assim que se iniciou a ficção gótica. As obras góticas geralmente exaltavam o período medieval, fazendo referência a vida das sociedades no período do feudalismo, onde havia a frustração diante dos ideais racionais, fazendo com que a individualidade tomasse forma frente aos dilemas culturais que emergiam na sociedade inglesa em meados do século XVIII.

No âmbito intelectual e político do século XVIII, o estilo gótico assumiu o papel de produção cultural que traçava críticas a visão iluminista. Por meio desse

estilo literário eram evidenciadas para a sociedade o que a elite esforçava-se em esconder, fazendo com que esse tipo de texto literário levasse a sociedade não ser dominada pelo pensamento da razão. Segundo Lukács (2000), a literatura gótica era responsável por trazer à tona a parte mais sombria dos seres humanos, levando-os a se reconhecerem como indivíduos integrantes da sociedade, reivindicando seu espaço no poder, sem limitar-se aos ideais da elite. Esse foi considerado o período do apogeu da literatura gótica, pois muitos autores escreveram histórias de conteúdo literário gótico.

No núcleo do romantismo, seja qual for a vertente visualizada, encontraremos a vida sob um prisma caótico. Explorando aspectos obscuros da alma humana os românticos questionam as convenções sociais, desafiam os poderes estabelecidos, convidam todos a explorarem o lado menos agradável, mas não menos real da vida em sociedade. As influências dessa forma peculiar de visão necessariamente visitam e revisitam o gótico medieval e irradia-se por obras de todos os gêneros: o romance; o fantástico; o conto de terror e até mesmo a ficção científica. (BRIDA, 2007, p. 11).

Na Era Vitoriana no século XIX, a literatura gótica teve um momento de regresso, pois a rainha Vitória deu apoio aos ideais iluministas, fazendo com que a literatura gótica da Inglaterra fosse cada vez mais produzida. No entanto, o estilo gótico não foi esquecido, foi então que nos EUA os autores Edgar Allan Poe (1809-1849) e Nathaniel Hawthorne (1804-1864) fizeram com que o estilo crescesse consideravelmente (MOISÉS, 2017, p. 20).

É perceptível que a literatura gótica passou por momentos de altos e baixos, mas jamais caiu no esquecimento, já que atualmente ainda é muito difundida, seja nos livros ou na arte cinematográfica. Muito se deve a particularidade desse estilo literário, que permaneceu do século XVIII até os dias atuais mantendo algumas de suas principais características. A literatura gótica do século XXI apresentou apenas uma nova roupagem, mas não perdeu a característica do estilo gótico do século XVIII, permanece com o terror, o medo e o estranho.

CAPÍTULO II- GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER: VIDA E OBRA

2.1 Gustavo Bécquer: apresentação

Gustavo Adolfo Bécquer foi um escritor e jornalista espanhol que nasceu no Bairro de San Lorenzo, em Sevilha, em 17 de fevereiro de 1836. Filho de Don José Domínguez Isauste, um renomado pintor da época, e de Joaquina Bastida y Vargas, logo ao iniciar sua carreira como escritor literário, trocou seu sobrenome Domínguez Bastida por Bécquer, em menção a sua descendência de Flandes.

Bécquer foi símbolo em seu país, durante o século XIX, como um artista de inúmeras obras. De acordo com Reatto (2008), o escritor, embora conhecido dentro e fora da Espanha por suas produções narrativas, também dedicava-se à escrita de poesias e ensaios, bem como à pintura e às produções literárias de seu tempo.

Para alguns críticos, Bécquer figurava entre um romancista tardio e um precursor da poesia moderna. O fato de considerarem o autor pós-romântico se deu devido a sua atividade tardia em paralelo ao Realismo europeu e ao período anterior ao Modernismo espanhol e americano, já para outros, ele era um escritor impressionista (FERREIRA, 2018, p. 54).

Partindo de uma cronologia literária, Bécquer fez parte do período pós-romântico, que predominava na Espanha o movimento Realismo. Nas suas composições encontravam-se traços do Romantismo, como por exemplo a exaltação ao medievalismo, a natureza, os cenários góticos e barrocos, e o fanatismo cristão. Os seus poemas e composições apresentam temáticas atribuídas ao Romantismo quando traz à tona o amor idealizado ou perdido; a relevância da expressão artística e do processo artístico; a morte; o ser humano frente aos episódios sobrenaturais e a profunda solidão (IZQUIERDO, 2001).

A proximidade com o Realismo, apresentada em sua obra *Leyendas* (1871), é resultado de um conturbado momento histórico vivenciado pelo autor relacionado às tensões entre a Espanha e as colônias latino americanas, que estavam em busca de independência, culminando com a invasão de Napoleão à Península Ibérica entre os anos de 1808 e 1814.

Durante o auge da burguesia, considerado por Bécquer como o “século materialista e prosaico” (BÉCQUER apud ZAVALA, 2003, p.65, tradução nossa), a Espanha foi marcada pelo intenso processo de industrialização e pela ascensão da

classe burguesa, que assume para si o papel de componentes do quadro político da sociedade vigente.

Por um longo período, a Espanha sofreu com revoluções progressistas, declínio da monarquia e as mudanças com a instauração da República, ocasionada pelo descontentamento das novas classes sociais que almejavam maior participação política, entrando em conflito com o clero e a nobreza.

Durante o século XX, diversos enfrentamentos entre conservadores e liberais se concretizam e Bécquer reage a tais mudanças dividindo-se entre o saudosismo tradicional e o encantamento com os novos ideais trazidos do século XIX. Foi então que, segundo Damasceno (2018), coube ao escritor adotar a ambiguidade na política, ou seja, não expressava em público sua opinião, protegido pelas organizações políticas de caráter mais conservador, proporcionando-lhe então a oportunidade de sair da miséria.

2.2 As influências na obra de Bécquer

Vivenciando uma profunda dicotomia, Bécquer saiu da boemia para alçar voos entre renomados escritores literários como Lord Byron e François René de Chateaubriand. Nesse período, nada mais era que um nobre sem condições ou privilégios que vivia à mercê dos ideais de seus protetores conservadores, predestinado assim a realizar a censura de romances de autores contemporâneos (SADE, 2002).

A obra becqueriana passa então a sofrer influências dos romancistas europeus, especialmente os alemães, reforçando o seu caráter conservador. O seu ideológico tradicionalista fez com que publicasse *Los templos de España* (1856), obra que traz a descrição dos artefatos artísticos e religiosos presentes nas catedrais de seu país que, para Zavala (2003, p. 57), é característica do romantismo:

A expressão consciência miserável define bem o sentimento de fracasso da existência do romantismo, a presença em um mundo injusto e medíocre. É o sentimento da vida como exilado, e ainda mais como tragédia e agonia (ZAVALA, 2003, tradução nossa).

No entanto, a vida e obra de Bécquer vivem em constante paradoxo entre a tradição, o experimentalismo e a novidade. Alguns dos seus contos e lendas passam

a ser publicados em periódicos espanhóis no auge de sua plenitude literária. Foi então que sua atividade jornalística uniu-se a sua atividade literária, pois em periódicos madrilenhos ele começa a publicar suas crônicas, resenhas, artigos de costumes e finalmente suas lendas. Para Bécquer, a literatura era uma forma de ascensão econômica, uma fuga da miséria em que se encontrava, no entanto suas obras não obteve êxito naquele momento.

Em seus ensaios percebe-se características da prosa poética, do simbolismo por meio da subjetividade, do impressionismo e do mistério. Foi então que a disparidade entre realidade e irrealidade no âmbito do romantismo alia-se à inclusão da fantasia em suas obras, evidenciando a presença das efemeridades e do grotesco, características do romantismo.

Além disso, pode-se observar o conservadorismo religioso característico de Bécquer e o caráter crítico e moralizador presentes em seus contos, em meio a uma ambientação gótica e uma atmosfera tipicamente fantástica. As obras adaptavam-se à sociedade burguesa que, com pompa e luxo, aparentavam um estado de transcendência diante das outras classes.

O romantismo presente nas obras alemãs despertava o interesse de Bécquer e seus amigos poetas, que buscavam basear-se na busca profunda pelo eu lírico, aguçado pela questão sensorial que, de forma simples, permitiam que o lirismo íntimo pudesse aparecer.

As suas obras tiveram apoio financeiro para divulgação por meio de seu amigo, o ministro Luís González Bravo, contudo, muitas de suas obras foram extraviadas devido as turbulências dos conflitos revolucionários em meados de 1868. No entanto, algumas obras já haviam sido publicadas em jornais locais e outras foram recuperadas ou editadas por um coletivo de autores amigos do autor.

O período referente à expressiva fecundidade de Bécquer diz respeito também à chegada da sua estabilidade familiar por meio do seu casamento com uma jovem burguesa soriana filha de um renomado médico especialista em doenças venéreas.

Mesmo após o nascimento do primeiro filho do casal, o autor continuou a se dedicar aos seus escritos com publicações em jornais e revistas da época, no entanto, agora, Bécquer passou a ter que sustentar uma família e apenas o seu trabalho como jornalista já não era mais suficiente, surgindo então a necessidade de

buscar novas fontes de renda, foi então que Bécquer também enveredou pelas peças teatrais.

Sucessivas edições em vida ou mesmo após sua morte deram origem a diversos volumes, que traziam não apenas textos, mas também desenhos de Gustavo inspirados em uma musa que ele jamais um dia chegou de fato a conhecer.

Gozzoli (1986), ressalta que a influência das obras de Bécquer para a literatura espanhola, ocorreram por meio da estética utilizada e dos seus simbolismos, confrontam-se com o Romantismo e o Buronismo, representados pela profundidade dos seus escritos, refletindo acerca da criação poética, do amor, da morte, dentre outros temas.

Bécquer teve uma carreira modesta e obscura como escritor durante a maior parte de sua vida, no entanto, tem atualmente ganhado reconhecimento internacional por suas obras, sendo considerado entre seus contemporâneos o único com características do romantismo, devido ao seu estilo discreto que entra em contraste com a emoção expressa de forma opulenta (CHEVALIER et al., 2001).

É notório que o autor utiliza as suas obras literárias para expressar seus sentimentos e sua visão de mundo para seus leitores. Para os críticos literários, isso se dá devido aos temas dominantes de suas obras, por meio do amor idealizado, da sua religiosidade e da sua curiosidade sobre o sobrenatural.

Os enredos de suas obras, em geral, fazem menção ao verdadeiro coração partido, a seu esforço em tornar-se um escritor renomado, as suas fortes crenças religiosas, mas também falam a respeito da sua frustração diante da morte e do seu sofrimento (INÁCIO, 1994).

Bécquer era um escritor que diferenciava-se dos demais da sua época, já que diante do exotismo, ele era o escritor das intimidades, das reflexões pessoais, dos acontecimentos que dominavam as lamentações dos românticos. Ele reestruturava os elementos das narrações e suas descrições, apresentando-lhes como algo novo e repleto de originalidade, rico em detalhes (LOVECRAFT, 2008).

Hamberg (2018) sugere uma característica comum em todos os textos de Bécquer, a plasticidade de sua linguagem, que consegue criar telas autênticas com palavras. Isso ocorre porque o autor também foi treinado como desenhista e pintor. Na verdade, ele cresceu entre telas desde que seu pai e tio eram pintores e, ao longo de sua vida ele colaborou com seu irmão Valeriano.

Além disso, Bécquer usou para ilustrar poemas e histórias com seus próprios desenhos que preservam os ingredientes e temas de seus escritos.

Em linhas gerais, para Bécquer, os poemas que escrevia serviam como veículo de transmissão de uma beleza inesgotável e idealizada, como indicado em seu verso mais famoso: "Pode não haver poetas, mas sempre / haverá poesia." As obras traziam o lirismo íntimo e a síntese de métricas, em conteúdos afetivos que expressam uma herança direta de Heine, autor Alemão (1797 – 1856) que foi sua inspiração.

CAPÍTULO III – “O MONTE DAS ALMAS”, UMA HISTÓRIA COM ELEMENTOS GÓTICOS

3.1 Apresentação do conto

O conto “O Monte das Almas” foi publicado originalmente em 7 de novembro de 1861, juntamente com outras 16 lendas, tornou-se a obra mais conhecida do escritor espanhol Gustavo Adolfo Bécquer, traduzido em diversos idiomas.

Bécquer, por meio de sua narrativa, remete o leitor ao período medieval, ambientado em meio as ruínas dos castelos, aos templos de arquitetura gótica com suas torres imensas e inúmeras janelas e vitrais, bem como aos seculares monastérios que povoavam o imaginário das pessoas da antiga Ibéria, devido às variadas lendas sobre acontecimentos sobrenaturais e mágicos (VICTORINO, 1996).

Na obra, o autor criou a narrativa por meio das pessoas que viviam na cidade de Sória e começa a descrever de forma detalhada os eventos que aconteceram em um monte mal assombrado, o temido Monte das Almas, em um dia atípico como o dia de Finados, momento em que são realizadas homenagens aos entes queridos falecidos.

A história tem como personagem um jovem cavaleiro chamado Alonso, detentor de profunda ingenuidade e das terras onde se situa o conto, herdado devido ao seu parentesco com a família tradicional e respeitada dos condes de Alcudiel, buscava agradar a sua prima Beatriz.

Tudo começa quando, em uma expedição para caça, pouco antes do Dia dos Mortos, Alonso, que é um dos caçadores, começa a contar uma lenda sobre o monte para sua prima Beatriz, que na ocasião estão juntos com seus pais e pajens.

A lenda contada por Alonso faz referência ao Monte das Almas como sendo uma terra pertencente ao Templários, grupos de guerreiros religiosos. Com a expulsão dos árabes da cidade de Sória, os guerreiros vieram a pedido do rei para que fizessem a proteção da cidade, defendendo os nobres de Castela, ocasionando um conflito sangrento.

Um desses conflitos teve início e só foi finalizado após o rei vencer a tão temida batalha, após isso o monte foi abandonado e no lugar que existia uma capela

foram enterrados os corpos dos que deram sua vida para salvar Sória do domínio árabe.

A lenda sugere, então, que ao chegar a noite do Dia dos Mortos as almas dos homens que lá estavam enterrados vagueiam correndo junto com todos os animais que vivem nas montanhas, causando pavor a qualquer ser humano que planeje passar por lá nessa data.

3.2 Traços da literatura gótica

A análise aprofundada dos escritos de Bécquer, em especial o “Monte das Almas”, apresenta um mundo permeado de fenômenos maravilhosos e fantásticos, tornando-se a base das suas narrativas que contemplam os diversos temas relacionados ao estilo gótico.

Nessa perspectiva, percebe-se a conexão feita por Bécquer de dois temas centrais em sua lenda, como por exemplo a oralidade folclórica e o confronto secular entre os Templários e os nobres, juntando a isso a figura feminina que aparece na lenda na figura de Beatriz como uma mulher que atinge seus objetivos e domina o homem. Essa temática universal está presente no conto com mais clareza, tendo em vista que os personagens se envolvem em um enredo de luta e amor (MOISÉS, 2017).

Em linhas gerais, Beatriz é a personagem que reencarna o mal, isso se dá devido a concepção negativa que Bécquer tinha a respeito das mulheres. Nesse conto em específico, como em outras obras, a mulher é concebida pelo autor como um instrumento do mal, que por meio da sedução e da paixão, consegue manipular o homem levando-o à sua desgraça, como podemos observar no seguinte trecho da obra:

—Hermosa prima exclamó, al fin, Alonso, rompiendo el largo silencio en que se encontraban, Pronto vamos a separarnos, tal vez para siempre; las áridas llanuras de Castilla, sus costumbres toscas y guerreras, sus hábitos sencillos y patriarcales, sé que no te gustan; te he oído suspirar varias veces, acaso por algún galán de tu lejano señorío. Beatriz hizo un gesto de fría indiferencia: todo un carácter de mujer se reveló en aquella desdeñosa contracción de sus delgados labios. (BÉCQUER, 1861).

A obra conta também com elementos do tradicional e da arte, composta por igrejas que tocam sinos a meia noite para informar que havia chegado o dia de todos os santos e a diversidade de ruídos estranhos que deixam Beatriz transtornada,

como: passos, rangido de madeira, portas abrindo sequencialmente, água caindo, cães latindo e rajadas de vento incessantes. A utilização desses sons nas obras de Bécquer, tinham a pretensão de transmitir aos leitores diversos sentimentos, como por exemplo o medo e a inquietação.

O conto tem caráter tradicional, surgindo como narrador um habitante local, fato evidenciado na frase: “Eu ouvi no mesmo lugar em que aconteceram os fatos”, indicando que a narração parte da perspectiva de alguém que não viveu o ocorrido, mas que conta os fatos baseados na sua vivência naquele lugar, atribuindo confiança para o relato. A cena descrita pelo narrador, expressa medo e esse medo causa uma identificação no leitor.

O leitor é levado a uma ambientação que envolve medo, em meio a escuridão da noite. O medo sugere uma sobrecarga de tensão, sentimento presente na trama que envolve os personagens, estimulando a mesma percepção no leitor (GARCÍA-VIÑO: 1970, p. 85).

Bécquer em seus contos realiza a introdução do medo, elemento não tão usado pelos escritores espanhóis da literatura romântica, como afirma Berenguer Carisomo (apud GARCÍA-VIÑO. 1970, p. 85). No conto, os personagens passam por situações aterrorizantes, onde os sentimentos se alternam entre remorso e solidão, potencializados pela emissão de sons que remetem a algo sobrenatural, em uma constante eminência de perigo, que para os personagens pode transformar-se em algo fatal, como no trecho a seguir:

—¡Habrá tenido miedo! —exclamó la joven cerrando su libro de oraciones y encaminándose a su lecho, después de haber intentado inútilmente murmurar algunos de los rezos que la iglesia consagra en el día de difuntos a los que ya no existen. Después de haber apagado la lámpara y cruzado las dobles cortinas de seda, se durmió; se durmió con un sueño inquieto, ligero, nervioso. (BÉCQUER, 1861).

O estilo vazio e delicado que envolvem a narrativa, evidencia um clima de mistério e romantismo na literatura espanhola, que passa em meio a Idade Média, entre os castelos e ruínas, montes assombrados e templos góticos ou monastérios seculares, lugares propícios para eventos sobrenaturais e do imaginário popular. Bécquer, em geral, utiliza o sobrenatural fundamentado na atmosfera de mistério, explorando ambientes góticos como forma de evidenciar o seu forte conservadorismo católico.

A obra de Bécquer representa os ideais conservadores e religiosos dos quais ele compartilhava, de forma sutil havia um embate entre a ciência, a filosofia e a religião, evidenciando a sua busca pelos conhecimentos ocultos a respeito da vida e da morte, assim como sobre a busca desmedida por novos conhecimentos e sua curiosidade insaciável.

A escolha por representar lugares reais é a marca registrada dos contos do autor, tendo em vista que em suas obras havia o desejo de correlacionar a realidade com a ficção, fazendo com que os acontecimentos sobrenaturais estivessem interligados a paisagens reais.

Para Moisés (2017), os ambientes e personagens reais faziam parte de um conjunto de ideias sensíveis, já os personagens sobrenaturais eram constituídos por ideias complexas. Nesse caso, os marcos de espaço existentes no enredo e incluídos no discurso dos acontecimentos fantásticos, serviam para reforçar as ideias e dar uma certa veracidade aos fatos insólitos.

Bécquer ao descrever de forma minuciosa os acontecimentos ou os lugares que permeiam os eventos sobrenaturais, estava introduzindo a melancolia e o estranhamento, necessários para que o leitor entrasse no universo sobrenatural por meio de sua narrativa.

As descrições e constante ambientação exterior, para Xavier (2018), são necessárias para que os aspectos irrealis entrem em cena junto ao espaço ilusoriamente natural. Essa perspectiva é confirmada a partir do momento em que existe o encontro entre o personagem real com o espaço mágico e a personagem fantástica.

As manifestações mágicas aparecem na narrativa com o objetivo de dominar os mais variados aspectos, principalmente com relação à figura humana que passa a ser dominada por influência maléfica, sem fazer com que o ambiente fantástico seja comprometido, conforme observamos no trecho a obra:

Entre otras, asegura que vio a los esqueletos de los antiguos templarios y de los nobles de Soria enterrados en el atrio de la capilla levantarse al punto de la oración con un estrépito horrible, y, caballeros sobre osamentas de corceles, perseguir como a una fiera a una mujer hermosa, pálida y desmelenada, que con los pies desnudos y sangrientos, y arrojando gritos de horror, daba vueltas alrededor de la tumba de Alonso. (BÉCQUER, 1861).

Bécquer utilizava diversos recursos em seus contos, como descrições longas e repletas de detalhes, pausas e um excesso de reticências nas descrições paisagísticas, para despertar no leitor uma atmosfera de angústia e medo, característica marcante dos gêneros que são repletos de mistério, medo, magia, incertezas, de acontecimentos macabros e sobrenaturais.

Com base nestas considerações, é possível verificar o emprego dos conceitos tradicionalistas por parte do autor em suas obras, ressaltando o seu conservadorismo e ao mesmo tempo um toque de modernidade. Outro fator importante é a utilização de personagens cercados pelo drama, como: donzelas, cavaleiros, em uma simbologia repetitiva, baseada em mistérios que surgem de tempos passados, manuscritos ocultos e previsões do futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura gótica e a sua representação para a sociedade e os leitores fazem com que surjam diversos questionamentos que despertam curiosidade. Este trabalho teve como objetivo apresentar elementos acerca desse estilo literário, evidenciando sua origem, seus conceitos e a contribuição do escritor Gustavo Adolfo Bécquer.

O estilo gótico exerce fascínio sobre os leitores, tendo em vista que os elementos góticos como medo e imprevisibilidade causam certa atração. Desse modo, os eventos fantásticos e a influência maléfica sobre o ser humano têm efeito hipnótico sobre quem lê as obras que, em meio a tal leitura sente-se envolvido pelo enredo mágico e os personagens sádicos.

As narrativas extensas e a riqueza de detalhes expressas na obra de Bécquer são analisadas nesse estudo, têm o poder de despertar nos leitores a curiosidade, o fascínio, assim como o espanto e a repulsa. No entanto, percebe-se a constante busca do amor idealizado, por vezes não correspondido, retratado pela figura da bela mulher que, na visão do autor, seria um ser de extrema capacidade de manipulação sobre os homens, levando-os a sua ruína.

Em meio aos templos, igrejas em ruínas e montes assombrados, os personagens sádicos e sobrenaturais, apreciam silenciosamente a dor alheia. As obras de Bécquer retratam essa constante reflexão entre o real e o imaginário, partindo da sua interpretação sobre seu modo de viver a vida e das questões conservadoras da sociedade.

A análise detalhada do conto de Bécquer “O Monte das Almas”, possibilitou a compreensão de que o seu enredo ocasiona certa manipulação psicológica voltada para o inconsciente humano e para o medo, características destas, que povoaram o imaginário das obras produzidas durante o período medieval ou que representavam os marcos espaciais desse momento histórico por meio da utilização de personagens idealizados, com bons rapazes e belas moças, assim como vilões demoníacos e criaturas sobrenaturais.

Assim, por meio das suas obras Bécquer retratava as relações sociais vigentes, os conflitos científicos e filosóficos, por meio de seus romances com elementos góticos criando no leitor uma atmosfera dividida entre sonho e razão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Danielle de Fátima G. da Costa. SANTANA, Jucileide Maria de. A Literatura Gótica: uma breve apreciação. Disponível em <<http://www.arcos.org.br/artigos/a-literatura-gotica-uma-breve-apreciacao/>> Acesso em: 30/07/2018.

ALGRAVE, Beatrix. O Gótico. Disponível em <http://www.gothznewz.com.br/gotico/gotico.htm>. Acesso em 28 jul. 2018.

BECQUER, Gustavo Adolfo. El monte de las animas. Disponível em <<https://ciudadseva.com/texto/el-monte-de-las-animas/>> Acesso em 03/12/2018.

BORDINI, Maria da Glória. O temor do além e a subversão do real. In: *Os preferidos do público*. Os gêneros da literatura de massa. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRIDA, Ana Claudia. O Estilo Gótico na Literatura: Estudo da Obra “Drácula, O Vampiro da Noite” De Bram Stoker Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Dourados/MS, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 16ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. DAMASCENO, Carla. Arquitetura Gótica: a representação da realidade espiritual. Disponível em http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/arquitetura_gotica/index.php. Acesso em 18 mar. 2018.

DAMASCENO, Carla. Arquitetura Gótica: a representação da realidade espiritual. Disponível em http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/arquitetura_gotica/index.php. Acesso em 18 mar. 2018.

_____. Filhos de Gaut: a Mitologia Nórdica e os Godos. Disponível em http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/filhos_de_gaut/index.php. Acesso em 18 mar. 2018.

_____. Iluminuras e Miniaturas: a arte de desenhar em manuscritos. Disponível em http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/iluminuras_e_miniaturas/index.php. Acesso em 18 mar. 2018.

_____. Os Registros dos Godos: o advento da Literatura Nórdica. Disponível em http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/os_registros_dos_godos/index.php. Acesso em 18 mar. 2018.

_____. Pintura Gótica: a subordinação dos ornamentos ao gosto da burguesia. Disponível em http://www.carcasse.com/revista/pesadelar/pintura_gotica/index.php. Acesso em 18 mar. 2006. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio Século XXI: minidicionário da Língua Portuguesa. 5ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; RONÁI, Paulo. Mar de histórias. Antologia do conto mundial. 2006.

FERREIRA, Cid Vale. *Os Godos: do étnico ao estético*. Disponível em: <www.carcasse.com/revista/pesadelar/os_godos/index.php> Acesso em 15/Mai/2018.

GOZZOLI, Maria Cristina. Como reconhecer a arte gótica. São Paulo: Martins Fontes, 1986, 84 p.

GUERRAS, Maria Sonsoles. Os Povos Bárbaros. 3ªed. São Paulo: Ática, 1995, 86p.

HAMBERG, Cynthia. Caracterização, estilo gótico e mitologia presentes em Frankenstein. Disponível em <http://home-1.worldonline.nl/~hamberg>. Acesso em 10 abr. 2018.

INÁCIO, Inês; LUCA, Tânia de. O Pensamento Medieval. 3ªed. São Paulo: Ática, 1994, 94p.

KIDSON, Peter. Mundo Medieval. Rio de Janeiro: José Olympio e Expressão e Cultura, 1966, p.97-171.

IZQUIERDO, Pascual. Introducción. In: BÉCQUER, Gustavo Adolfo. Leyendas. 20 ed. Madrid: Cátedra, 2001.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

LUKÁCS, G. A Teoria do Romance. Trad. José M. M.de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000, 240p.

MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. 14ªed. São Paulo: Cultrix, 2017, 84-116p. Origem e façanha dos godos. Disponível em <http://www.ricardocosta.com/textos/godos.htm>. Acesso em 17 out. 2017.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1979, 300p.

REATTO, DIOGO; BISSACO, CRISTIANE MAGALHÃES. As lendas de Bécquer: uma proposta para a introdução da literatura espanhola nas aulas de espanhol como língua estrangeira. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura* - Ano 04 n.08 - 1º Semestre de 2008.

ROSSI, Aparecido Donizete. *Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesa e norte-americana: um panorama*. Disponível em: <www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume2/primeiras_letras/aparecido_rossi.pdf> Acesso em 17/Mai/2018.

SADE, Marquês de. *Os Crimes do Amor & A Arte de Escrever ao Gosto do Público*. Trad. Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002, p.44-5.

STOKER, Bram. *Drácula, o Vampiro da Noite*. Trad. Maria Luísa Lago Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2003, 438p.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. 1 Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

VICTORINO, Paulo (resp.). Romantismo. *Enciclopédia Digital Master*. Disponível em http://www.pitoresco.com.br/art_data/romantismo/. Acesso em 28 jul. 2005.

VIDAL, Ariovaldo José. Apresentação. In: WALPOLE, Horace. *O Castelo de Otranto*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996, p. 7-10 (134p.).

VIÑO, Manuel García. *Mundo y trasmundo de las leyendas de Bécquer*, Madrid: Gredos, 1970.

XAVIER, Hugo. *Literatura Gótica: instauração de um gênero?* Disponível em http://www.carcasse.com/revista/ninhada_de_coppelius/literatura_gotica/index.php. Acesso em 18 mar. 2006.

ZAVALA, Iris M. *Romanticismo e Realismo*. Editora Crítica, Barcelona 2003.

ANEXO

El monte de las ánimas

[Cuento - Texto completo.]

Gustavo Adolfo Bécquer

La noche de difuntos me despertó a no sé qué hora el doble de las campanas; su tañido monótono y eterno me trajo a las mientes esta tradición que oí hace poco en Soria.

Intenté dormir de nuevo; ¡imposible! Una vez aguijoneada, la imaginación es un caballo que se desboca y al que no sirve tirarle de la rienda. Por pasar el rato me decidí a escribirla, como en efecto lo hice.

Yo la oí en el mismo lugar en que acaeció, y la he escrito volviendo algunas veces la cabeza con miedo cuando sentía crujir los cristales de mi balcón, estremecidos por el aire frío de la noche.

Sea de ello lo que quiera, ahí va, como el caballo de copas.

I

-Atad los perros; haced la señal con las trompas para que se reúnan los cazadores, y demos la vuelta a la ciudad. La noche se acerca, es día de Todos los Santos y estamos en el Monte de las Ánimas.

-¡Tan pronto!

-A ser otro día, no dejara yo de concluir con ese rebaño de lobos que las nieves del Moncayo han arrojado de sus madrigueras; pero hoy es imposible. Dentro de poco sonará la oración en los Templarios, y las ánimas de los difuntos comenzarán a tañer su campana en la capilla del monte.

-¡En esa capilla ruinosa! ¡Bah! ¿Quieres asustarme?

-No, hermosa prima; tú ignoras cuanto sucede en este país, porque aún no hace un año que has venido a él desde muy lejos. Refrena tu yegua, yo también pondré la mía al paso, y mientras dure el camino te contaré esa historia.

Los pajes se reunieron en alegres y bulliciosos grupos; los condes de Borges y de Alcudiel montaron en sus magníficos caballos, y todos juntos siguieron a sus hijos Beatriz y Alonso, que precedían la comitiva a bastante distancia.

Mientras duraba el camino, Alonso narró en estos términos la prometida historia:

-Ese monte que hoy llaman de las Ánimas, pertenecía a los Templarios, cuyo convento ves allí, a la margen del río. Los Templarios eran guerreros y religiosos a la vez. Conquistada Soria a los árabes, el rey los hizo venir de lejanas tierras para defender la ciudad por la parte del puente, haciendo en ello notable agravio a sus nobles de Castilla; que así hubieran solos sabido defenderla como solos la conquistaron.

Entre los caballeros de la nueva y poderosa Orden y los hidalgos de la ciudad fermentó por algunos años, y estalló al fin, un odio profundo. Los primeros tenían acotado ese monte, donde

reservaban caza abundante para satisfacer sus necesidades y contribuir a sus placeres; los segundos determinaron organizar una gran batida en el coto, a pesar de las severas prohibiciones de los clérigos con espuelas, como llamaban a sus enemigos.

Cundió la voz del reto, y nada fue parte a detener a los unos en su manía de cazar y a los otros en su empeño de estorbarlo. La proyectada expedición se llevó a cabo. No se acordaron de ella las fieras; antes la tendrían presente tantas madres como arrastraron sendos lutos por sus hijos. Aquello no fue una cacería, fue una batalla espantosa: el monte quedó sembrado de cadáveres, los lobos a quienes se quiso exterminar tuvieron un sangriento festín. Por último, intervino la autoridad del rey: el monte, maldita ocasión de tantas desgracias, se declaró abandonado, y la capilla de los religiosos, situada en el mismo monte y en cuyo atrio se enterraron juntos amigos y enemigos, comenzó a arruinarse.

Desde entonces dicen que cuando llega la noche de difuntos se oye doblar sola la campana de la capilla, y que las ánimas de los muertos, envueltas en jirones de sus sudarios, corren como en una cacería fantástica por entre las breñas y los zarzales. Los ciervos braman espantados, los lobos aúllan, las culebras dan horrorosos silbidos, y al otro día se han visto impresas en la nieve las huellas de los descarnados pies de los esqueletos. Por eso en Soria le llamamos el Monte de las Ánimas, y por eso he querido salir de él antes que cierre la noche.

La relación de Alonso concluyó justamente cuando los dos jóvenes llegaban al extremo del puente que da paso a la ciudad por aquel lado. Allí esperaron al resto de la comitiva, la cual, después de incorporárseles los dos jinetes, se perdió por entre las estrechas y oscuras calles de Soria.

II

Los servidores acababan de levantar los manteles; la alta chimenea gótica del palacio de los condes de Alcudiel despedía un vivo resplandor iluminando algunos grupos de damas y caballeros que alrededor de la lumbre conversaban familiarmente, y el viento azotaba los emplomados vidrios de las ojivas del salón.

Solas dos personas parecían ajenas a la conversación general: Beatriz y Alonso: Beatriz seguía con los ojos, absorta en un vago pensamiento, los caprichos de la llama. Alonso miraba el reflejo de la hoguera chispear en las azules pupilas de Beatriz.

Ambos guardaban hacía rato un profundo silencio.

Las dueñas referían, a propósito de la noche de difuntos, cuentos tenebrosos en que los espectros y los aparecidos representaban el principal papel; y las campanas de las iglesias de Soria doblaban a lo lejos con un tañido monótono y triste.

-Hermosa prima -exclamó al fin Alonso rompiendo el largo silencio en que se encontraban-; pronto vamos a separarnos tal vez para siempre; las áridas llanuras de Castilla, sus costumbres toscas y guerreras, sus hábitos sencillos y patriarcales sé que no te gustan; te he oído suspirar varias veces, acaso por algún galán de tu lejano señorío.

Beatriz hizo un gesto de fría indiferencia; todo un carácter de mujer se reveló en aquella desdeñosa contracción de sus delgados labios.

-Tal vez por la pompa de la corte francesa; donde hasta aquí has vivido -se apresuró a añadir el joven-. De un modo o de otro, presiento que no tardaré en perderte... Al separarnos, quisiera que llevases una memoria mía... ¿Te acuerdas cuando fuimos al templo a dar gracias a Dios por haberte devuelto la salud que viniste a buscar a esta tierra? El joyel que sujetaba la pluma

de mi gorra cautivó tu atención. ¡Qué hermoso estaría sujetando un velo sobre tu oscura cabellera! Ya ha prendido el de una desposada; mi padre se lo regaló a la que me dio el ser, y ella lo llevó al altar... ¿Lo quieres?

-No sé en el tuyo -contestó la hermosa-, pero en mi país una prenda recibida compromete una voluntad. Sólo en un día de ceremonia debe aceptarse un presente de manos de un deudo... que aún puede ir a Roma sin volver con las manos vacías.

El acento helado con que Beatriz pronunció estas palabras turbó un momento al joven, que después de serenarse dijo con tristeza:

-Lo sé prima; pero hoy se celebran Todos los Santos, y el tuyo ante todos; hoy es día de ceremonias y presentes. ¿Quieres aceptar el mío?

Beatriz se mordió ligeramente los labios y extendió la mano para tomar la joya, sin añadir una palabra.

Los dos jóvenes volvieron a quedarse en silencio, y volvíose a oír la cascada voz de las viejas que hablaban de brujas y de trasgos y el zumbido del aire que hacía crujir los vidrios de las ojivas, y el triste monótono doblar de las campanas.

Al cabo de algunos minutos, el interrumpido diálogo tornó a anudarse de este modo:

-Y antes de que concluya el día de Todos los Santos, en que así como el tuyo se celebra el mío, y puedes, sin atar tu voluntad, dejarme un recuerdo, ¿no lo harás? -dijo él clavando una mirada en la de su prima, que brilló como un relámpago, iluminada por un pensamiento diabólico.

-¿Por qué no? -exclamó ésta llevándose la mano al hombro derecho como para buscar alguna cosa entre las pliegues de su ancha manga de terciopelo bordado de oro... Después, con una infantil expresión de sentimiento, añadió:

-¿Te acuerdas de la banda azul que llevé hoy a la cacería, y que por no sé qué emblema de su color me dijiste que era la divisa de tu alma?

-Sí.

-Pues... ¡se ha perdido! Se ha perdido, y pensaba dejártela como un recuerdo.

-¿Se ha perdido!, ¿y dónde? -preguntó Alonso incorporándose de su asiento y con una indescriptible expresión de temor y esperanza.

-No sé.... en el monte acaso.

-¿En el Monte de las Ánimas -murmuró palideciendo y dejándose caer sobre el sitio-; en el Monte de las Ánimas!

Luego prosiguió con voz entrecortada y sorda:

-Tú lo sabes, porque lo habrás oído mil veces; en la ciudad, en toda Castilla, me llaman el rey de los cazadores. No habiendo aún podido probar mis fuerzas en los combates, como mis ascendentes, he llevado a esta diversión, imagen de la guerra, todos los bríos de mi juventud, todo el ardor, hereditario en mi raza. La alfombra que pisan tus pies son despojos de fieras que he muerto por mi mano. Yo conozco sus guaridas y sus costumbres; y he combatido con ellas de día y de noche, a pie y a caballo, solo y en batida, y nadie dirá que me ha visto huir del peligro en ninguna ocasión. Otra noche volaría por esa banda, y volaría gozoso como a una fiesta; y, sin embargo, esta noche... esta noche. ¿A qué ocultártelo?, tengo miedo. ¿Oyes? Las

campanas doblan, la oración ha sonado en San Juan del Duero, las ánimas del monte comenzarán ahora a levantar sus amarillentos cráneos de entre las malezas que cubren sus fosas... ¡las ánimas!, cuya sola vista puede helar de horror la sangre del más valiente, tornar sus cabellos blancos o arrebatarse en el torbellino de su fantástica carrera como una hoja que arrastra el viento sin que se sepa adónde.

Mientras el joven hablaba, una sonrisa imperceptible se dibujó en los labios de Beatriz, que cuando hubo concluido exclamó con un tono indiferente y mientras atizaba el fuego del hogar, donde saltaba y crujía la leña, arrojando chispas de mil colores:

-¡Oh! Eso de ningún modo. ¡Qué locura! ¡Ir ahora al monte por semejante friolera! ¡Una noche tan oscura, noche de difuntos, y cuajado el camino de lobos!

Al decir esta última frase, la recargó de un modo tan especial, que Alonso no pudo menos de comprender toda su amarga ironía, movido como por un resorte se puso de pie, se pasó la mano por la frente, como para arrancarse el miedo que estaba en su cabeza y no en su corazón, y con voz firme exclamó, dirigiéndose a la hermosa, que estaba aún inclinada sobre el hogar entreteniéndose en revolver el fuego:

-Adiós Beatriz, adiós... Hasta pronto.

-¡Alonso! ¡Alonso! -dijo ésta, volviéndose con rapidez; pero cuando quiso o aparentó querer detenerle, el joven había desaparecido.

A los pocos minutos se oyó el rumor de un caballo que se alejaba al galope. La hermosa, con una radiante expresión de orgullo satisfecho que coloreó sus mejillas, prestó atento oído a aquel rumor que se debilitaba, que se perdía, que se desvaneció por último.

Las viejas, en tanto, continuaban en sus cuentos de ánimas aparecidas; el aire zumbaba en los vidrios del balcón y las campanas de la ciudad doblaban a lo lejos.

III

Había pasado una hora, dos, tres; la media noche estaba a punto de sonar, y Beatriz se retiró a su oratorio. Alonso no volvía, no volvía, cuando en menos de una hora pudiera haberlo hecho.

-¡Habrás tenido miedo! -exclamó la joven cerrando su libro de oraciones y encaminándose a su lecho, después de haber intentado inútilmente murmurar algunos de los rezos que la iglesia consagra en el día de difuntos a los que ya no existen.

Después de haber apagado la lámpara y cruzado las dobles cortinas de seda, se durmió; se durmió con un sueño inquieto, ligero, nervioso.

Las doce sonaron en el reloj del Postigo. Beatriz oyó entre sueños las vibraciones de la campana, lentas, sordas, tristísimas, y entreabrió los ojos. Creía haber oído a par de ellas pronunciar su nombre; pero lejos, muy lejos, y por una voz ahogada y doliente. El viento gemía en los vidrios de la ventana.

-Será el viento -dijo; y poniéndose la mano sobre el corazón, procuró tranquilizarse. Pero su corazón latía cada vez con más violencia. Las puertas de alerce del oratorio habían crujido sobre sus goznes, con un chirrido agudo prolongado y estridente.

Primero unas y luego las otras más cercanas, todas las puertas que daban paso a su habitación iban sonando por su orden, éstas con un ruido sordo y grave, aquéllas con un lamento largo y crispador. Después silencio, un silencio lleno de rumores extraños, el silencio de la media

noche, con un murmullo monótono de agua distante; lejanos ladridos de perros, voces confusas, palabras ininteligibles; ecos de pasos que van y vienen, crujir de ropas que se arrastran, suspiros que se ahogan, respiraciones fatigosas que casi se sienten, estremecimientos involuntarios que anuncian la presencia de algo que no se ve y cuya aproximación se nota no obstante en la oscuridad.

Beatriz, inmóvil, temblorosa, adelantó la cabeza fuera de las cortinillas y escuchó un momento. Oía mil ruidos diversos; se pasaba la mano por la frente, tornaba a escuchar: nada, silencio.

Veía, con esa fosforescencia de la pupila en las crisis nerviosas, como bultos que se movían en todas direcciones; y cuando dilatándolas las fijaba en un punto, nada, oscuridad, las sombras impenetrables.

-¡Bah! -exclamó, volviendo a recostar su hermosa cabeza sobre la almohada de raso azul del lecho-; ¿soy yo tan miedosa como esas pobres gentes, cuyo corazón palpita de terror bajo una armadura, al oír una conseja de aparecidos?

Y cerrando los ojos intentó dormir...; pero en vano había hecho un esfuerzo sobre sí misma. Pronto volvió a incorporarse más pálida, más inquieta, más aterrada. Ya no era una ilusión: las colgaduras de brocado de la puerta habían rozado al separarse, y unas pisadas lentas sonaban sobre la alfombra; el rumor de aquellas pisadas era sordo, casi imperceptible, pero continuado, y a su compás se oía crujir una cosa como madera o hueso. Y se acercaban, se acercaban, y se movió el reclinatorio que estaba a la orilla de su lecho. Beatriz lanzó un grito agudo, y arrebujiándose en la ropa que la cubría, escondió la cabeza y contuvo el aliento.

El aire azotaba los vidrios del balcón; el agua de la fuente lejana caía y caía con un rumor eterno y monótono; los ladridos de los perros se dilataban en las ráfagas del aire, y las campanas de la ciudad de Soria, unas cerca, otras distantes, doblan tristemente por las ánimas de los difuntos.

Así pasó una hora, dos, la noche, un siglo, porque la noche aquella pareció eterna a Beatriz. Al fin despuntó la aurora: vuelta de su temor, entreabrió los ojos a los primeros rayos de la luz. Después de una noche de insomnio y de terrores, ¡es tan hermosa la luz clara y blanca del día! Separó las cortinas de seda del lecho, y ya se disponía a reírse de sus temores pasados, cuando de repente un sudor frío cubrió su cuerpo, sus ojos se desencajaron y una palidez mortal descoloró sus mejillas: sobre el reclinatorio había visto sangrienta y desgarrada la banda azul que perdiera en el monte, la banda azul que fue a buscar Alonso.

Cuando sus servidores llegaron despavoridos a noticiarle la muerte del primogénito de Alcudiel, que a la mañana había aparecido devorado por los lobos entre las malezas del Monte de las Ánimas, la encontraron inmóvil, crispada, asida con ambas manos a una de las columnas de ébano del lecho, desencajados los ojos, entreabierto la boca; blancos los labios, rígidos los miembros, muerta; ¡muerta de horror!

IV

Dicen que después de acaecido este suceso, un cazador extraviado que pasó la noche de difuntos sin poder salir del Monte de las Ánimas, y que al otro día, antes de morir, pudo contar lo que viera, refirió cosas horribles. Entre otras, asegura que vio a los esqueletos de los antiguos templarios y de los nobles de Soria enterrados en el atrio de la capilla levantarse al punto de la oración con un estrépito horrible, y, caballeros sobre osamentas de corceles, perseguir como a una fiera a una mujer hermosa, pálida y desmelenada, que con los pies desnudos y sangrientos, y arrojando gritos de horror, daba vueltas alrededor de la tumba de Alonso.